

A Coluna do Kina

A estÉtica? *The esthetics?*

Não é a primeira vez que me abordam para dizer que existe uma apologia à beleza, que existe inversão de valores – hoje a estética parece ser mais importante do que a saúde – e impera total falta de ética nesses tratamentos “cosméticos”. Acho isso engraçado. A estética não é ética nem aética. A ética determina os juízos de apreciação referentes à conduta humana, qualificando-a do ponto de vista do bem e do mal. A estética ou qualquer outro tratamento odontológico não tem nada a ver com ética, o ser humano sim.

Nossas conduta, intenções e ações determinam nossa ética. Ofertar “tratamento estético” a pessoas que em momento algum de suas vidas tiveram necessidade social ou psicológica para tanto, creditando a esses tratamentos mudanças e melhoras radicais na vida, realmente, não parece nada ético. Por outro lado, talvez escondidos na própria ignorância, problemas estéticos não tenham sido devidamente identificados, seja por simples desconhecimento ou por conformismo, mas eles podem – devem – ser informados (uma vez que você é um profissional especializado para tanto).

Tratamentos que devidamente conduzidos podem estabelecer equilíbrio e beleza, gerar maior confiança ou simplesmente contentamento às pessoas, sim, isso é ético. Em verdade, depende da “ética” de que você é partidário. Ética pode ser definida como uma tentativa de viver de acordo com um conjunto de regras ou deveres, em que é necessário seguir algumas dessas regras ou agir em concordância com alguns desses deveres. Quando a ética assim segue, independentemente das conseqüências, apenas porque o dever em si é mais importante, chama-se a isso **ética deontológica** (da palavra grega *deon*, que significa dever).

O deontologista ético mais conhecido é Immanuel Kant*. Ele afirmou que os deveres mais importantes devem ser categóricos e universais. Universal significa que a regra que se determina seguir como ética deve se aplicar a todos. Kant argumenta que, se uma regra não se “universalizar”, então, ela não é ética, porque todos têm de acreditar ou ser capazes de viver nas mesmas regras morais. Numa sociedade, não existe a tal da “minha própria ética” como uma exceção para si mesmo (“faça o que



eu digo, mas não faça o que eu faço”, nem pensar). Enquanto categórico significa “sem exceção”, em outras palavras, eu não posso escolher um dever e depois pensar em casos que ele não se aplique ou escolher não aplicá-lo em determinadas situações – isso não seria ético –, em odontologia – creio – não existe uma regra universal e categórica, salvo a idéia de recuperar e manter a saúde bucal em qualquer nível.

Mas vamos considerar como regra universal em odontologia não intervir em dentes hígidos com saúde e função satisfatórias. Nesse caso, não seria ético intervir em uma dentição com essas características, independentemente da percepção estética (bonito ou feio). Eu sei que você deve estar pensando que estou radicalizando, mas, lembre-se: a ética deontológica é categórica. Por outro lado, a ética também pode ser observada a partir do processo de descobrir quais de nossas ações produzirão os melhores resultados, e então seguir esse curso de ação. Isso é chamado **ética utilitarista ou conseqüencialista**, porque ela se volta – lógico – para as conseqüências de nossas ações mais do que à inerente correção moral delas.

Uma ação é moralmente boa à medida que suas conseqüências promovem maiores benefícios, compensações ou prazer para maioria das pessoas. Assim, intervir em dentes hígidos, com saúde e função satisfatórias, “simplesmente” por estética, sim, é ético, desde que seja necessidade e desejo do paciente. Na verdade, o cerne desta discussão está na idéia que alguns pensadores, religiosos e profissionais querem nos passar: fazer-nos crer que “a beleza é inconseqüente”, e, como não explica nada, não resolve nada e não nos ensina nada, não deve ter lugar no discurso intelectual.

Concordo que a beleza (assim como a feiúra) diz pouco sobre inteligência, personalidade, senso de humor ou qualquer outra característica mais profunda de cada um, e com que aparência não é tudo, entretanto, ela está longe de ser inconseqüente. Valorizar a beleza não significa colocar a saúde em segundo plano, mesmo porque saúde e beleza são quase sinônimos na natureza. Em verdade, uma reflete a outra, e nossa pronta resposta ao belo é uma artimanha de nosso cérebro. A beleza é uma das maneiras de a vida se perpetuar, está profundamente arraigada em nossa biologia e pode ser o principal condicionante para a saúde mental e o bem-estar pleno.

O pensador George Santayana** coloca muito bem essa questão: “Se nossas percepções não tivessem nenhuma conexão com nossos prazeres, logo fecharíamos os olhos a este mundo... sermos dotados do senso de beleza é um ganho genuíno”. O poder da aparência e a força da imagem são realidades implantadas na cultura de qualquer sociedade e não podem ser negados. Posso aceitar que beleza não é sinônimo de bom, mas, ao desligar um do outro, não se pode cometer o erro de equipará-la ao ruim. A estética e a beleza não são éticas nem aéticas, nós sim. E você, o que pensa a respeito?***

* Immanuel Kant (Königsberg, 1724-1804): Filósofo alemão considerado o último grande filósofo dos princípios da era moderna e, indiscutivelmente, um de seus pensadores mais influentes. É famoso, sobretudo, pela elaboração do denominado “idealismo transcendental”.

** SANTAYANA, G. *The Sense of Beauty*. Being the outline of Aesthetic Theory. Nova York: Dover, 1955.

*** Escreva e dê sua opinião: sidneykina@gmail.com



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br